

ÂNCORAS NO CÉU: A INFRAESTRUTURA METAFÍSICA

Rémi Brague

Loyola: São Paulo, 2013 122p.

ISBN 978-85-15-04047-6

Âncoras no Céu: a infraestrutura metafísica é o paradoxal e eloquente título do último livro de Rémi Brague publicado no Brasil. O volume acolhe a transcrição de uma série de palestras proferidas pelo filósofo francês em 2009, em Barcelona, para a Fundação Joan Maragall.

Tendo por objetivo avaliar o papel da metafísica no pensamento e na sociedade atual, Rémi Brague traça os desenvolvimentos históricos que levaram o mundo ocidental ao seu presente estado, especialmente no tocante à política, à ética e, é claro, à própria metafísica.

Já se vê que a surpresa do livro não se encontra apenas em seu título. Também causa admiração ver o erudito especialista em filosofia grega, o incomum medievalista que historia com reconhecida competência as filosofias medievais, tanto as cristãs, quanto as judaicas e muçulmanas, o tradutor de Maimônides e de Temístio, enfim, o filósofo tão versado em temas pré-modernos, se mover com segurança entre os problemas mais recentes, alguns que ainda não têm nem mesmo expressão social e se confinam às elucubrações de alguns pensadores.

As qualidades de outras obras continuam presentes nesse breve livro: o amplo domínio das fontes primárias ancorado no conhecimento de várias

línguas antigas e modernas (inclusive o hebraico, o árabe e o russo), o amplo conhecimento da bibliografia especializada e a clareza argumentativa tão necessária para a exposição de temas áridos como são os metafísicos.

Indo de encontro às diversas correntes de pensamento atuais, Rémi Brague defende que a filosofia do século XXI será uma filosofia do ser, será uma filosofia necessariamente metafísica.

Essa afirmação parece bastante absurda se considerarmos o contexto filosófico contemporâneo, analisado brevemente pelo filósofo francês em seu livro, no qual a negação direta da metafísica tem espaço equivalente à sua mera desconsideração.

Essa posição não é defendida apenas por uma preferência intelectual ou por uma meditada, mas apenas reflexiva, indagação filosófica. Rémi Brague chega a tal conclusão, especialmente, por constatar que o pensamento e a sociedade contemporânea caminham para a contestação das bases metafísicas que sustentam a própria existência do homem.

Esse é o assunto principal do livro: como a negação da metafísica coloca em risco não apenas determinados padrões éticos, não apenas algumas instituições da sociedade ocidental, mas a sobrevivência mesma do homem.

Para provar sua hipótese, Brague traça um breve panorama da história da metafísica, de Aristóteles até os próceres do pensamento fraco. Alguns nomes ganham destaque nessa longa história. Kant é visto como o responsável por retirar a metafísica do território onde nasceu, o campo cosmológico, e levá-la ao âmbito antropológico e, marcadamente, moral. A “física” presente no termo metafísica passar a corresponder, com Kant, à antropologia. Dele em diante, a história da filosofia é preenchida pelas mais diversas negações da metafísica. Comte a considera como apenas uma fase do pensamento humano que deve ser superada, Carnap e os positivistas lógicos o aprofundam e acreditam já estarem realizando tal tarefa.

Outro ponto relevante na história da negação da metafísica ocidental é a reflexão de Nietzsche. Rémi Brague mostra que o niilismo nietzscheano nasce como um pessimismo filosófico voltado contra a doutrina de Leibniz de que o universo existente é o melhor universo possível. No fundo, segundo o filósofo francês, o alvo de Nietzsche seria a identificação do Ser com o Bem presente no pensamento leibniziano e, a bem dizer, ao longo de quase toda tradição filosófica ocidental.

A posição de Nietzsche é vista como apenas um ponto marcante de um desenvolvimento filosófico que perpassa toda a modernidade e tem suas raízes no período medieval. Trata-se da redução de toda forma de ser à mera existência e da existência à absoluta contingência.

Contando com vasta erudição, Rémi Brague identifica as origens dessa redução cheia de consequências na ontologia de Avicena. Para o sábio persa, a existência é algo que vem de fora e atinge o ente sem lhe enriquecer, sem nada lhe acrescentar. Com isso, todo tipo de existência é nivelada. Um ser realmente existente não pode ser considerado superior a um ser meramente possível e, da mesma forma, um ser necessariamente existente é igualado aos dois tipos ser anteriores. Além disso, toda existência é vista como contingente e, conseqüentemente, como puramente factual, de modo que o ser existente perde toda ligação com o bem.

O antigo tema da conversibilidade dos transcendentais adquire, de forma surpreendente, um novo frescor. Isso se dá pelo óbvio motivo de que a relativa desvalorização da existência real dos seres em geral e sua desvinculação do bem também atinge o homem.

Nesse caso, as implicações são mais visíveis. A existência humana passa a ser considerada como um fruto do acaso, como consequência de um lance de dados, e, não podendo ser considerada como um bem em si, engendra diversos fenômenos, alguns bastantes óbvios, outros com a filiação um pouco menos clara.

Não apenas o suicídio e uma espécie de complexo de culpa cada vez mais comum, algo denominado por Rémi Brague como “inveja de si mesmo”, mas a própria democracia liberal e o processo de secularização da sociedade ocidental têm aqui suas raízes.

O livro, contudo, não tem foco nas temáticas políticas e sim naquelas que recaem no amplo campo da denominada bioética. Apesar disso, tais temas não são tratados numa perspectiva casuística ou mesmo ética. O interesse de Brague é descortinar a fundamentação metafísica das questões que envolvem a vida humana no seu aspecto ético.

Como vimos, desde Kant a metafísica está fundamentada na antropologia e isso explica a posição de Nietzsche ao defender que é necessária a superação do homem para viver radicalmente a imanência do mundo, ou seja, para descartar completamente a metafísica. Constatando que o homem é um animal metafísico e que não seria possível extinguir essa importante dimensão de seu pensamento, ocorreu uma forte mudança na reflexão crítica à metafísica. A rejeição e mesmo o ódio contra a metafísica que estiveram muito presentes nos últimos cinco ou seis séculos, vai se transformando, no pensamento e na sociedade contemporânea, em um ódio contra o suporte concreto da metafísica, passa a ser, direta ou indiretamente, um ódio contra o homem.

Os ideais de transhumanismo e pós-humanismo podem parecer um pouco distantes e algo irrealizáveis, mas fizeram o século passado sentir suas presenças, cujas extensões são cada vez mais conhecidas graças ao avanço dos estudos históricos. Com os progressos das ciências, tais ideais são cada vez mais realizáveis. É possível que esses ideais se

concretizem, mesmo que parcialmente, e ganhem as ruas ainda no século XXI.

Em todo caso, há uma forma de eliminação do homem que é extremamente comum e silenciosa. Não se trata dos bilhões de abortos feitos nas últimas décadas, pois esses, de uma forma ou de outra, são objeto de debate público. Trata-se do cada vez mais pronunciado empenho em não transmitir a vida. Os métodos anticoncepcionais colocaram nas mãos dos casais (ou, em muitos casos, nas mãos de um dos membros do casal) a possibilidade de postergar a transmissão da vida ou mesmo eliminá-la por completo. Se, por um lado, teólogos condenam tais práticas, sociólogos apontam para os grandes riscos culturais de berços cada vez mais vazios e economistas registram a impossibilidade de se manter o equilíbrio previdenciário com as atuais taxas de natalidade, por outro lado, o que se vê é a cada vez mais popular prática de ter um ou dois filhos ou, em muitos casos, nenhum.

Rémi Brague vê nesse quadro não apenas o fruto da propaganda malthusiana dos últimos séculos, mas as conseqüências claras do pensamento aviceniano e de toda a luta cultural empreendida desde os albores da modernidade contra a metafísica, luta essa que do campo filosófico se espalhou para as demais áreas da ação humana.

Quando a existência não é vista, em si, como um bem, não é possível desejá-la. Seria possível, ao modo nietzschiano, valorizá-la, transformando-a em algo “bom”. Como bem afirma o filósofo, é possível amar viver sem amar a vida. Mas

essa escolha parte da vontade do indivíduo e não pode ser imposta. Com qual direito submetemos novas pessoas à existência, ao mundo e às suas dores? É justo impor o ônus de viver a alguém se não podemos excluir de sua existência os diversos e previsíveis males que se lhe abaterão? Essas são algumas questões levantadas por filósofos contemporâneos mais consequentes com seus princípios. Considerando seriamente suas interrogações, Rémi Brague pergunta: o niilismo pode fazer outros viverem? Será possível uma humanidade niilista que, sem sacrificar sua coerência, dure mais do que uma geração? Os diversos questionamentos apresentados

não são propriamente respondidos no livro resenhado. Um retorno a Platão é apontado como uma possível solução. Outros poderiam preferir se basear em outros grandes metafísicos ou mesmo, já que se trata de um problema relativo aos transcendentais, se dirigir para a reflexão estética.

Contudo, a resposta aos problemas levantados não é o objetivo desse breve e interessante livro. Seu propósito é confirmar, como os diversos questionamentos o fazem, que não apenas no campo da prática, mas também no da reflexão mais abstrata, a sociedade ocidental chegou ao ponto no qual a metafísica é, literalmente, uma questão de vida ou de morte.

Augusto de Carvalho Mendes

*Mestre em Literatura Portuguesa pela PUC Minas.
Doutorando em História da Ciência pela UFMG.
Bacharel em História. Especialista em Ciências da Religião.*

E-mail: avgvstv@yahoo.com.br

*Recebido em 30/10/2014
Aprovado em 10/12/2014*